MASCULINIDADES EM LIVROS PARA INFÂNCIA: O MENINO NITO E O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS[1]

Constantina Filha Xavier[1]
Ana Paula Ortiz Arguelo[2]

RESUMO: Este trabalho volta-se para a reflexão e problematização da representação das masculinidades em livros para a infância. Para a análise, foram selecionados dois livros da biblioteca de uma escola pública municipal de Ensino Fundamental. Como metodologia, este estudo usa a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. A análise dos livros selecionados buscou questionar, problematizar e refletir sobre as masculinidades, buscando compreender como as construções de gênero podem ser repensadas através do uso de ferramentas pedagógicas poderosas, que são os livros para a infância. Os livros, como artefatos culturais, devem ser mais explorados pelas escolas e professores de maneira a construir espaços seguros para diálogo e reconstrução de significados.

Palavras-Chave: Gênero. Masculinidade Hegemônica. Livros para Infância. Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de pesquisa de abordagem qualitativa de cunho bibliográfico caracterizada como Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pretendeu-se analisar as masculinidades presentes em dois livros para infância que fazem parte do acervo da biblioteca de uma escola pública de Ensino Fundamental em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

O objetivo geral do estudo foi problematizar, analisar e refletir sobre as masculinidades presentes nas narrativas, no texto e nas imagens, dos livros voltados para o público infantil. Para este trabalho, o termo "livro para infância" foi escolhido como mais apropriado, seguindo a linha de pesquisa de XAVIER FILHA (2014) que assegura que os livros abrangem todo um arco de possibilidades pedagógicas.

Este estudo fundamenta-se nos Estudos de Gênero para problematizar sobre a construção de masculinidades e, com isso, instiga-nos a problematizar também o pensamento convencional sobre gênero, o qual muitas vezes nos leva a acreditar que gênero é uma característica inerentemente biológica e imutável. No entanto, é crucial desnaturalizar essa percepção e reconhecer que o gênero é uma construção social que muda ao longo do tempo e

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, realizado sob a orientação da Professora Dra Constantina Filha Xavier. E-mail: constantina.xavier@ufms.br

[2] Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: paulaarguelo@gmail.com

varia de uma sociedade para outra. Além disso, compreender o gênero requer uma análise política, pois está intrinsecamente ligado a relações de poder. Portanto, é fundamental examinar o gênero sob uma perspectiva política para desvendar suas complexidades e nuances. Conforme PELUCIO (2014):

> Desnaturalizar o pensar que o gênero, esta marca fundamental da nossa existência, não é um dado biológico e pronto, mas varia de sociedade, ao longo da história, e só pode ser entendido numa dimensão política, sim, política, porque tem a ver com relações de poder: quem manda, quem obedece, o que é verdade, o que não é (p. 100).

A autora reflete que a desnaturalização da concepção de gênero como uma característica estritamente biológica e fixa é essencial para reconhecer a complexidade desse aspecto fundamental de nossa identidade. De fato, o gênero é uma construção social que varia ao longo do tempo e entre diferentes culturas. Compreendê-lo exige uma abordagem política, uma vez que está intrinsecamente ligado a relações de poder e hierarquias sociais. Quem detém o poder, quem obedece e o que é considerado verdadeiro ou falso são determinados em parte pelas normas de gênero estabelecidas pela sociedade, tornando a análise crítica e a desconstrução dessas normas uma tarefa fundamental, a qual foi trabalhada nesse artigo.

O presente artigo está dividido nas seguintes partes: o tópico 2 - Trajetória Teórico-Metodológica da pesquisa, está descrita a abordagem deste estudo, bem como o caminho que nos instigaram a priorizar o referido referencial teórico. No tópico 3 - O menino que chora e o homem das caixas: o que as histórias nos contam é explicada a forma como os livros selecionados serão analisados. No tópico 4 - As Masculinidades nos Livros para a Infância é descrita a análise realizada na pesquisa, problematizando as questões de gênero e masculinidades presentes nos livros para a infância utilizados neste estudo. No tópico 5 – Considerações finais, chega-se à reflexão final depois de debatido todo o material juntamente com os livros. Vale destacar que utilizamos a primeira pessoa do plural na escrita do texto porque se trata de um processo coletivo entre acadêmica e orientadora, entre os/as autores/as e ilustradores/as dos livros, entre a pesquisadora e as bibliotecárias da escola pública, dentre outras e múltiplas relações possíveis. Somente em alguns poucos casos quando se trata da trajetória pessoal da pesquisadora, será utilizada a primeira pessoa do singular.

2 TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

O pressuposto teórico-metodológico utilizado no presente estudo foi a pesquisa bibliográfica utilizando-se da abordagem qualitativa. Sobre o caráter da pesquisa bibliográfica, seu foco, conforme esclarece Boccato (apud BRITO et al., 2021, p. 7), seria a "(...) resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas". Isso implica na exploração de uma variedade de contribuições científicas disponíveis, permitindo ao/a pesquisador/a aprofundar seu entendimento sobre o objeto de estudo com base em um corpo consolidado de conhecimento existente.

Já a pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (apud BRITO et al., 2021), se ocupa com um nível de realidade que:

> (...) não pode ou não deveria ser quantificado, isto é, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Por meio da pesquisa qualitativa, busca-se compreender a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos (p. 3)

A pesquisa qualitativa, como compreendida nesta pesquisa, concentra-se em um nível de realidade que não pode ser facilmente quantificado. Ela se dedica a explorar o universo dos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. A pesquisa qualitativa busca lançar luz sobre a complexidade inerente aos fenômenos, fatos e processos específicos, permitindo aos pesquisadores e pesquisadoras uma compreensão profunda das nuances e particularidades das experiências humanas em seus contextos.

O interesse pela pesquisa surgiu na pesquisadora quando a mesma cursou a disciplina de Educação, Sexualidade e Gênero (68 h/a), ministrada pela professora Dra. Constantina Filha Xavier, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em que foram discutidos muitos assuntos e questões importantes sobre gênero na educação. Toda essa discussão e estudos que tivemos fez com que eu quisesse fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto, bem como entender a necessidade da discussão sobre gênero nas relações pedagógicas nas instituições educativas.

A presente pesquisa foi se construindo ao longo de duas disciplinas do curso de Pedagogia: Prática Científica I e II. Inicialmente pretendíamos selecionar vários livros para a infância em uma biblioteca de uma escola pública municipal na cidade de Campo Grande/MS. Para a construção do projeto de pesquisa concomitantemente foi realizada uma pesquisa exploratória em acervos que continham artigos científicos, dissertações e teses de doutorado sobre as questões de gênero e análise de artefatos culturais, dentre eles, livros para a infância.

Visando coletar livros para a infância, inicialmente o estudo se iniciou com uma pesquisa de exploração e conhecimento de uma biblioteca escolar em que a filha da pesquisadora

estuda e da mesma em que foi campo do estágio de II. Este estudo foi realizado por duas semanas. Aliada à busca e ao conhecimento do acervo da biblioteca, também houve conversas com as duas professoras que trabalham no local desempenhando a função como bibliotecárias. Essas duas professoras estão afastadas da sala de aula por motivos de saúde psicológica e, por conta disso, a escola as remanejou para a biblioteca. São elas mesmas que separam os livros pelos critérios que consideram mais adequados para os/as alunos/as.

Para poder conhecer a dinâmica da escola e de como elas trabalhavam com os alunos e alunas, permanecemos na biblioteca, observando o cotidiano daquele espaço. As consultas nas estantes foram realizadas, juntamente com a leitura de muitos livros. Foram realizadas observações dos/as estudantes e, dentro desse processo, foram selecionados dez livros que Se destacaram por trazer temáticas de gênero. A intenção era analisar os 10 livros disponíveis na biblioteca da escola, de maneira a identificar questões sobre a construção de gênero. Mas o que mais se sobressaiu nesse processo de pesquisa foi a maneira como é retratada a masculinidade nos livros para a infância. Durante a seleção dos livros, percebemos que havia poucos livros cujas narrativas se voltassem para os meninos e suas construções de identidades como sujeitos. Dos 10 livros selecionados, dois traziam essa identidade sendo debatida e refletida de maneira imagética e nas histórias de modo a questionar as normas de gênero na vivência de meninos e homens.

Nesse âmbito, segundo Louro (1997), "(...) ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens" (p. 22). Portanto, é de suma importância a produção de estudos sobre como a masculinidade pode ser construída, bem como pensar como é representada culturalmente, simbolicamente e socialmente.

3 O MENINO QUE CHORA E O HOMEM DAS CAIXAS: O QUE AS HISTÓRIAS NOS CONTAM

Neste tópico, descrevemos e analisamos os livros para infância selecionados para o estudo, sendo eles: "O Menino Nito: então, homem chora ou não?" (ROSA, 2008) e "O Homem que Amava Caixas" (KING, 1995), ambos disponíveis na biblioteca da escola pública municipal de Ensino Fundamental, conforme já anunciado.

No primeiro subtópico, será descrito o resumo de cada um dos livros, trazendo a capa, informações, personagens e temática priorizada. Logo após, no próximo tópico, os mesmos livros serão analisados de acordo com a problematização e questionamento deste estudo, que visa observar, refletir e pensar criticamente sobre as masculinidades em livros para infância:

como é representada? Como é debatida? Como é construída?

3.1 DESCRIÇÃO DOS LIVROS

a) *O Menino Nito: então, homem chora ou não?*

No livro “O Menino Nito: então, homem chora ou não?” (ROSA, 2008), Nito é um menino preto, cabelo escuro, que veste uma camiseta amarela, um short jeans e tênis azul. A história conta que Nito, um garoto que, ao nascer, era tão adorável e bonito que todos o apelidaram de “Nito”. Embora fosse bonito, Nito era propenso a chorar por qualquer motivo, e essa tendência só aumentava à medida que ele crescia. Um dia, o pai decidiu ter uma conversa franca com Nito, explicando que os homens não deveriam chorar, já que ser homem significava não demonstrar emoções dessa maneira.

A partir desse momento, Nito começou a reprimir seus sentimentos, cessando suas atividades habituais como correr, pular e brincar.

Essa repreensão o afetou a ponto de ele se tornar incapaz até mesmo de sair da cama, sufocado pelo peso de suas emoções não expressas. Diante dessa situação, o pai e a mãe de Nito decidiram procurar ajuda médica, recorrendo ao Doutor Aymoré, um médico especializado em cuidar de crianças e plantas. Após uma conversa profunda com Nito, o médico percebeu a origem do problema e recomendou que Nito liberasse todas as emoções contidas, um processo que ele chamou de 'desachorar'. Nito hesitou, mas o médico explicou que todos os homens podem chorar, pois têm lágrimas destinadas a rolar pelo rosto. Encorajado por essa perspectiva, Nito começou a liberar seus sentimentos contidos, um ato que também fez sua mãe, seu pai e o médico chorarem. Seu pai, emocionado, conversou com Nito e lhe ensinou que chorar é saudável, desde que seja por um motivo justo. Abaixo, na Figura 1, vemos a capa do livro. Nito aparece se apoiando em um muro, que está tentando represar a enxurrada de lágrimas produzidas por ele.

Imagem 1: O Menino Nito: então, homem chora ou não?

b) *O homem que Amava Caixas*

O Homem que Amava Caixas (KING, 1997) narra a história de um pai que tinha um filho que o amava, enquanto ele amava as caixas. Todos os tipos de caixas: altas, baixas, redondas, quadradas… Mas havia um problema: o homem não só amava as caixas; o protagonista também ama o filho, porém, é incapaz de expressar-se para ele.

Então ele decidiu demonstrar seu amor através das caixas. A narrativa nos conta a maneira como esse pai conseguiu expressar seu amor sem precisar ser de uma forma direta: ele construía qualquer coisa com as caixas, que ele ama, para seu filho, que também ama. O tom do livro nos diz que isso é algo positivo, visto a conclusão da história, em que o homem entendeu que essa maneira de demonstrar emoções é uma maneira especial que ele encontrou de se conectar com seu filho, de compartilhar seu amor um pelo outro.

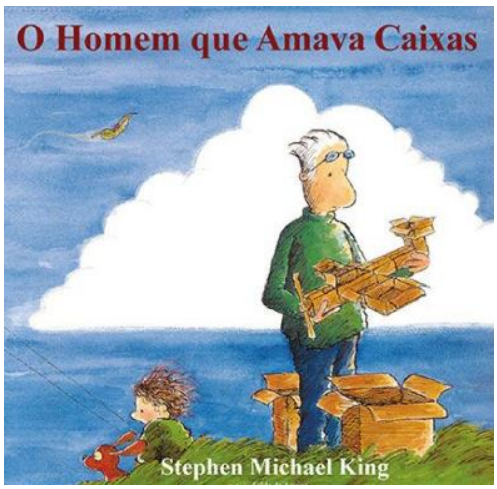

Imagem 2: O Homem que Amava Caixas

3.2 AS MASCULINIDADES NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA

A apreciação e o estudo de livros vão além da simples prática da leitura; eles nos convidam a enxergar essas obras como “artefatos culturais”, pois, conforme Xavier Filha (2014), eles “produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma "adequada" e "normal" de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade” (p. 155). Ou seja, além de auxiliar na prática docente, o livro didático é um artefato cultural, pois traz significados culturais devido à sua historicidade (ARAÚJO; SANTOS, 2014). Dornelles (2010) defende que os “[...] artefatos culturais não têm significados únicos, fixos e intocáveis, seu significado depende do que eles significam em determinado contexto”.

Para realmente compreender o significado profundo contido nas páginas de um livro, é necessário não apenas analisar seu conteúdo textual e visual, mas também desafiar nossos próprios preconceitos e conceitos preestabelecidos. Afinal, os livros não são apenas veículos de entretenimento ou informação, mas ferramentas poderosas que têm o potencial de provocar reflexões profundas e transformações significativas na maneira como vemos o mundo e a nós mesmos.

Neste contexto, este tópico explorará a importância de entender os livros como expressões de pedagogias culturais e como eles têm o poder de estimular a reflexão e a autorreflexão em seus leitores, construindo assim nossa compreensão do mundo que nos cerca. Segundo XAVIER FILHA (2014), “entender os livros como artefatos culturais que expressam pedagogias é uma tarefa que nos leva a analisar os próprios textos e ilustrações para, contudo, questionar conceitos e também promover a reflexão e a autorreflexão dos leitores e leitoras” (p. 155).

A apreciação e o estudo de livros vão além da prática da leitura; eles nos convidam a enxergar essas obras como artefatos culturais intricadamente conectados a pedagogias. Para compreender o significado contido nas páginas de um livro, é necessário não apenas analisar seu conteúdo textual e visual, mas também desafiar nossos próprios preconceitos e conceitos preestabelecidos. Afinal, os livros não são apenas veículos de entretenimento ou informação, mas ferramentas que têm o potencial de provocar reflexões e possíveis transformações na maneira como vemos o mundo e a nós mesmos.

Ainda segundo a autora, os livros para a infância são importantes artefatos culturais, um instrumento pedagógico poderoso utilizado para a educação desde a primeira infância até os

anos finais do Ensino Fundamental. É de suma importância analisar seu conteúdo de forma a conceituá-los como instrumentos de ensino. Conforme STEFANELLI:

> O livro para a infância é um artefato cultural que produz/reproduz e veicula em seu texto (verbal e ilustrativo) representações de gênero, ensinam modos de ser menina, menino, homem, mulher. Traz em suas páginas diversidades de experiências que são construídas em múltiplos contextos da nossa vida. As significações e os efeitos que estão presentes nos livros infantis são importantes, uma vez que as crianças, como sujeitos sociais, interagem às inúmeras discussões da nossa sociedade (2014, p. 31).

A autora destaca que os livros infantis desempenham papel fundamental na formação das crianças, uma vez que representam e ensinam diferentes formas de se vivenciar o gênero e oferecem diversas experiências. Eles instigam a maneira como as crianças percebem e se identificam como meninos, meninas, homens e mulheres, propiciando sua compreensão do mundo e da sociedade desde cedo. Portanto, a importância dos livros infantis vai além da simples leitura, pois eles desempenham um papel importante na educação e na construção da identidade das crianças.

O conceito de gênero surge para possibilitar o pensar sobre o processo histórico e suas construções referentes aos corpos sexuados. Segundo Louro (1997), "é através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distintivo de *sex*" (p. 21). Ainda segundo a autora, "o conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política" (1997, p. 21), além de acabar com as "naturalizações", ideias deterministas sobre o que seria natural de se esperar de um homem ou de uma mulher.

É nesse âmbito que este estudo busca analisar as histórias, textos e ilustrações, dos livros selecionados, pois suas narrativas trazem questionamentos sobre as identidades dos sujeitos com relação ao gênero e masculinidade, buscando refletir seus impactos na vida de crianças e pessoas adultas, pois, conforme apontam BALIEIRO e RISK (2014), todos sofrem com a cultura machista:

> (...) alunos(a), funcionários(as) e professores(as), com destaque para os primeiros, que não correspondam ao padrão 'ideal' de comportamento estimado pela sociedade, estão mais vulneráveis a sofrerem variadas modalidades de violência em sua passagem pelo espaço escolar (p. 151).

Os autores comentam sobre o contexto educacional, onde é essencial reconhecer que estudantes, funcionários e professores, com especial ênfase nos alunos, que não se conformam com o padrão de comportamento tido como "ideal" pela sociedade frequentemente enfrentam uma maior vulnerabilidade a diversas formas de violência durante sua jornada no ambiente

escolar. Tais experiências negativas não apenas prejudicam o bem-estar emocional e psicológico dos afetados, mas também comprometem o ambiente de aprendizado e a busca por uma educação inclusiva e equitativa. Portanto, é crucial promover a conscientização e implementar medidas que garantam a segurança e o respeito a todos os membros da comunidade escolar, independentemente de sua conformidade com estereótipos de comportamento considerados ideais.

Em "O Menino Nito: então, homem chora ou não?" (ROSA, 2008), o protagonista expõe suas emoções constantemente, por qualquer motivo. Ele é altamente sensível, abria o "bocão" sempre que acontecia algo. Nas imagens do livro, a intensidade das emoções de Nito são representadas por enxurradas de água, baldes cheios, barquinhos navegando em rios de lágrimas e até na marcação dos números das páginas, que são grandes gotas de água.

Chorar faz parte de ser humano, independente de gênero. O menino Nito age como um ser humano, demonstrando suas frustrações através do choro. Vemos que ele ainda não possui nenhuma barreira para essa forma de se expressar, pois demonstra suas emoções livremente. A intensidade de suas lágrimas é o que preocupa as demais personagens do livro.

Na imagem abaixo vemos o menino chorando porque seu avião de brinquedo quebrou:

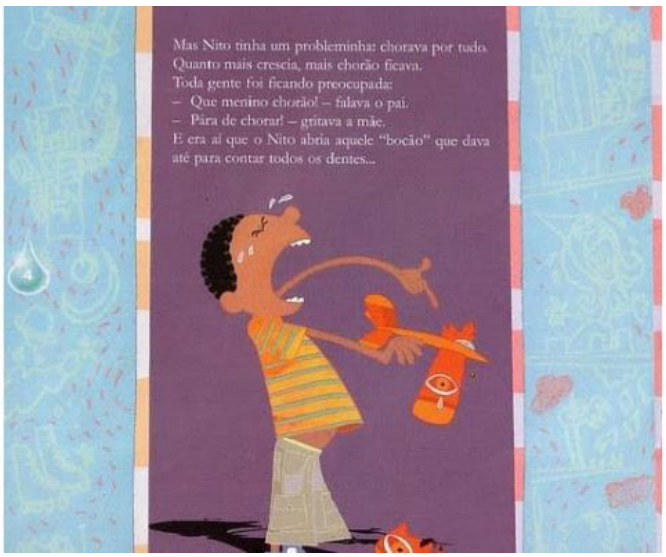

Imagem 3: O menino Nito chorando com seu brinquedo quebrado

Então o livro parte para o ponto crucial do debate: ao invés de dar uma educação emocional ao filho, o pai o repreende, reforçando os modelos de identificação masculina na sociedade patriarcal, desde que temos registros, que coloca o homem como figura centralizadora do lar, provedora, repressora e disciplinadora, relegando à mulher a prática da expressão dos sentimentos. O pai de Nito nada mais faz do que ensinar para o filho o comportamento básico exigido do masculino padrão do mundo adulto.

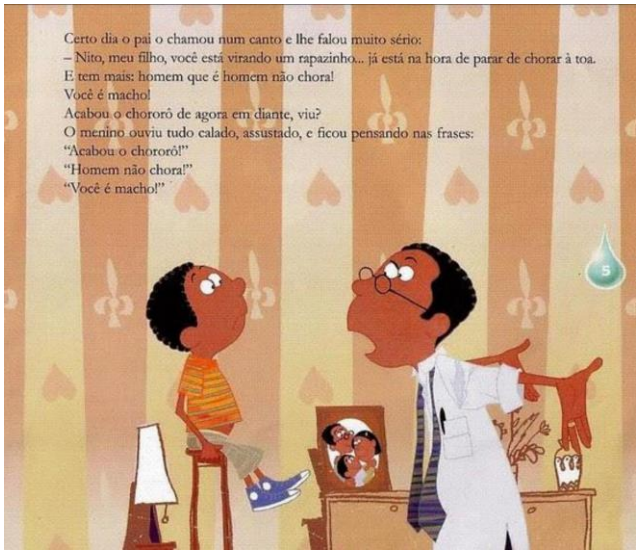

Imagem 4: Pai de Nito explicando para ele que "homem não chora".

Podemos perceber na imagem n. 4 que o pai está explicando para o filho que homem não deve chorar, enquanto Nito está escutando tudo com cara de tristeza. O pai está bravo, gesticulando, sendo enfático: "homem que é homem não chora", "acabou o chorôrô!" e "você é macho!". O menino parece não entender o significado de tudo isso, ficando pensativo. A confusão do menino é um elemento constitutivo da construção de sua identidade de gênero porque, afinal, ele é um menino, mas sente vontade de chorar.

> Desse modo, as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim, esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253)

Os autores destacam que as masculinidades hegemônicas muitas vezes são ideais inatingíveis, mas continuam a influenciar ideias e desejos relacionados à masculinidade. Elas também oferecem modelos para relações com mulheres e soluções para questões de gênero. Conforme CONNELL e MESSERSCHMIDT (2013), a masculinidade hegemônica pode ser entendida como "um padrão de práticas (...) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse" (p. 245). Essa dominação gera construções de masculinidade que são flexíveis e se adaptam às circunstâncias locais, contribuindo para a hegemonia na ordem de gênero na sociedade.

Dentro da narrativa do livro estudado, podemos nos questionar: qual a consequência dessa prática? O que uma educação a partir de normativas de gênero com excesso de controle

tem causado ao indivíduo homem? O pai (quando há pai) imprime as representações que deverão ser seguidas pelo sujeito durante a vida, guiando suas ações no campo das emoções.

> É necessário demonstrar que não são características propriamente sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz e que se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p. 21)

A autora reflete que as características dadas como femininas ou masculinas não são biologicamente intrínsecas, ou seja, são construções que a sociedade faz, criando representações do que deve ser considerado próprio do feminino e do masculino. Vemos então que as expressões de gênero exigidas pelo pai do protagonista, conforme CONNELL e MESSERSCHMIDT (2013), os posiciona em relação a masculinidade hegemônica, legitimando ideologicamente seu discurso, visto que essa é a norma que deve ser seguida.

A seguir, o menino Nito constrói uma barreira, nas imagens representadas por um muro, para represar suas emoções. O que leva à consequência trágica do seu adoecimento.

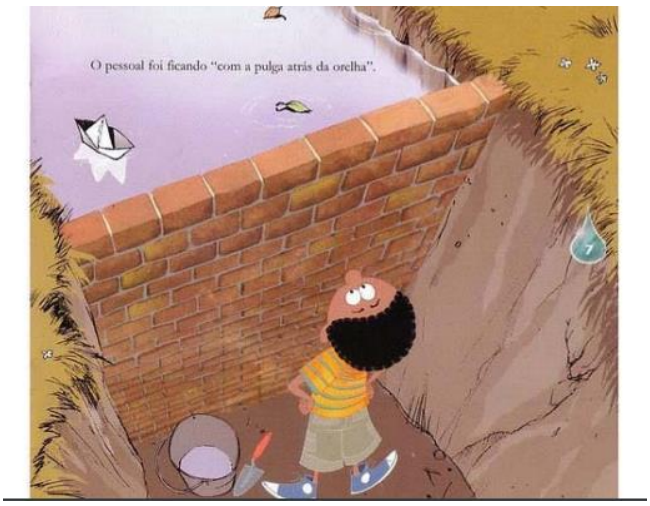

Imagem 5: O menino Nito olha para a represa que criou

Na Imagem 5 vemos o menino observando o muro que acabou de construir, mais alto do que ele mesmo. O muro segura uma grande quantidade de água, funcionando como uma represa, não deixando a água passar. A autora constrói a narrativa de maneira que o leitor entenda que a água são as lágrimas do menino, que ele teve que segurar para não deixar sair. O muro, nesse sentido, é a representação da atitude do protagonista de tentar não chorar.

Após adoecer, o pai e a mãe do menino chamam um médico, que vai até a casa deles para saber sobre o que está havendo com a saúde de Nito. O doutor chega à conclusão de que o menino precisaria "desachorar" tudo o que havia guardado. O menino ainda o questiona: "mas eu não sou menino?" e o médico enfatiza que é exatamente por ser um menino que ele não

poderia guardar os sentimentos. Com isso, as palavras do médico ressignificam o sentido de ser masculino. Aqui, o livro ensina aos meninos que é preciso ter muita coragem para demonstrar suas emoções. Depois dessa experiência, o pai do menino troca o argumento: agora não é mais proibido chorar porque ele é homem, mas é preciso chorar quando há motivos.

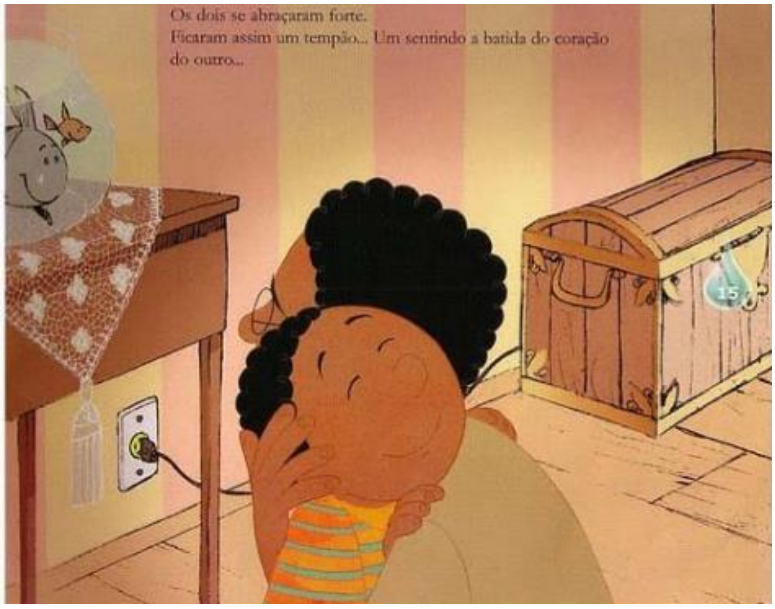

Imagem 6: Menino Nito e seu pai se abraçam, sentindo os corações um do outro

Na Imagem 6 vemos o pai abraçando o filho com ternura, em um cenário caseiro e acolhedor. A narrativa nos conta que eles ficaram dessa forma por um tempo prolongado, sentindo o batimento cardíaco um do outro. É um momento importante na narrativa, pois nos faz refletir sobre como as identidades de gênero são construídas e reforçadas socialmente. O protagonista recebeu a normativa da masculinidade hegemônica, não chorar, e, depois que essa atitude deu errado, ele e o pai aprenderam a desconstruir essa representação. Segundo Louro (2020):

> "As identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento - seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e /ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação." (LOURO, 2020. P 31).

A autora afirma que as representações do que é considerado masculino e feminino estão sempre mudando, sempre reconstruindo. Ou seja, as atitudes que reforçam ou desconstroem o padrão normativo de gênero sempre desempenham um papel importante. No caso da narrativa,

o discurso do médico ajudou o pai a entender que poderia desconstruir seu próprio discurso, dando um novo significado a ele.

Nesse sentido, conforme Pelucio (1997): “quando oferecemos às nossas crianças e adolescentes uma pluralidade de estórias, estamos também ofertando um mundo mais diverso de possibilidades de verem o mundo e de se verem nele” (p. 123). Segundo a autora, as estórias desempenham um papel fundamental na formação da perspectiva das crianças sobre o mundo e de sua própria identidade. Ao ler ou ouvir uma variedade de narrativas que abordam diferentes culturas, experiências, identidades e perspectivas, as crianças têm a chance de aprender sobre a diversidade do mundo e de se identificar com uma gama mais ampla de personagens e contextos. Além disso, ao se verem representados em livros que refletem suas próprias experiências ou identidades, as crianças podem desenvolver uma maior autoestima e autoaceitação. Elas percebem que suas vozes e experiências são válidas e importantes.

Em “O Homem que Amava Caixas”, a sua dificuldade em dizer “eu te amo” para seu próprio filho nos conta, na verdade, como a formação da masculinidade é agressiva ao ponto de impactar a forma como o indivíduo vive a sua própria identidade. Segundo Louro (2020), as identidades sexuais se constituem através das formas como vivemos nossa sexualidade, trazendo identificações sociais e históricas como masculino ou feminino, construindo, assim, identidades de gênero. Como a construção do masculino exige que homem não demonstre afeto, pois isso é uma característica dada exclusivamente para mulheres, o protagonista do livro precisa buscar outra forma de demonstrar seu amor por seu filho.

> “Desnaturalizar é pensar que gênero, esta marca fundamental da nossa existência, não é um dado biológico e pronto, mas varia de sociedade, ao longo da história, e só pode ser entendido na sua dimensão política, sim, politica, porque tem a ver com relações de poder: quem manda, quem obedece, o que é verdade, o que não é.” (PELUCIO, 1997, p.102)

A autora destaca que as características esperadas do ser masculino e feminino não têm a ver com a biologia, mas com as relações de poder. Quem é o dominador (o homem, no caso) e quem obedece (no caso, as mulheres) vai ditar a forma como as identidades devem ser construídas. Sendo assim, gênero deve ser entendido, fundamentalmente, como uma construção social, daí seu caráter histórico e plural (PELUCIO, 1997, p.105).

Imagem 7: Representação do homem tendo dificuldade de dizer ao filho que o ama

Na imagem 7 podemos ver o homem pensativo com uma caixa pequena na mão e o filho bem distante. Podemos imaginar que os sentimentos desse homem estavam todos dentro de uma caixa, todas as falas, os pensamentos e até o amor. Era tudo muito retraído, mas existente; só não era possível transmitir isso em palavras. Mas, ao invés de ignorar, o homem busca uma maneira de demonstrar indiretamente, para que seu filho se sinta amado.

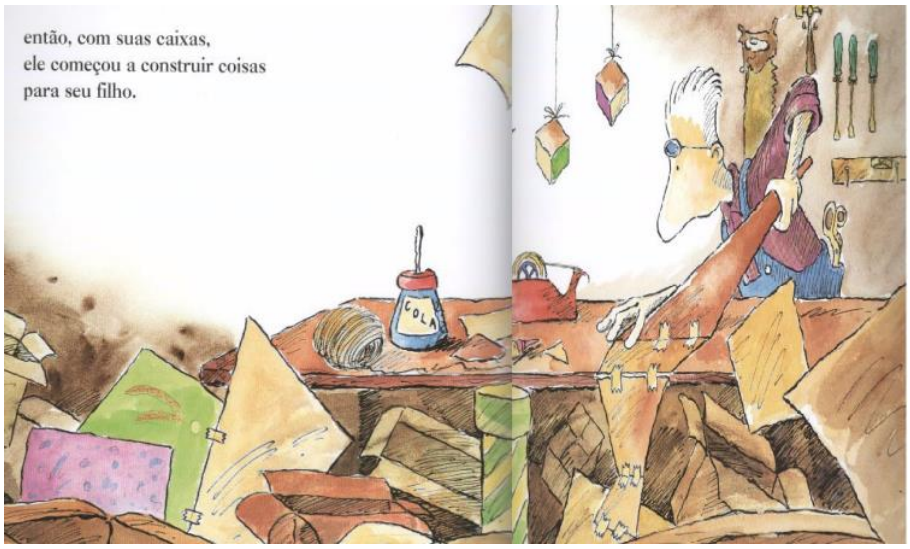

Imagem 8: O homem decide construir coisas para seu filho com suas caixas

As normas idealizadas de gênero são tão fortes que este personagem precisou recorrer a elementos não verbais para demonstrar seu afeto. Outro ponto importante a ser evidenciado é que o livro narra a dificuldade do pai em demonstrar afeto, demonstrando que a criação mais próxima dos filhos é uma atividade socialmente atribuída às mulheres.

As masculinidades hegemônicas tendem a envolver padrões específicos de divisão

> interna e conflito emocional, precisamente por sua associação com o poder generificado. Relações com os pais são mais comumente focos de tensão, dada a divisão sexual do trabalho no cuidado das crianças, a "cultura das longas horas" em profissões e gerenciamentos, e a preocupação dos pais ricos no manejo de sua riqueza. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 271).

Os autores destacam a complexidade das "masculinidades hegemônicas" e suas implicações emocionais e sociais. O trecho ressalta que as expectativas culturais em relação ao que constitui um homem "verdadeiro" podem gerar tensões emocionais e conflitos internos para os homens. Isso ocorre especialmente em áreas como as relações com os pais, as demandas da vida profissional e as responsabilidades financeiras. Esses conflitos decorrem da ligação das masculinidades hegemônicas com o poder e das normas de gênero da sociedade.

Na narrativa, várias pessoas reforçam esse discurso hegemônico ao opinar sobre a forma como o personagem demonstra seu afeto. Apesar de receber várias críticas dos vizinhos, idosos, etc., o personagem não se preocupa, pois sabe que encontrou uma maneira única de demonstrar seu amor, conforme se vê na imagem 9.

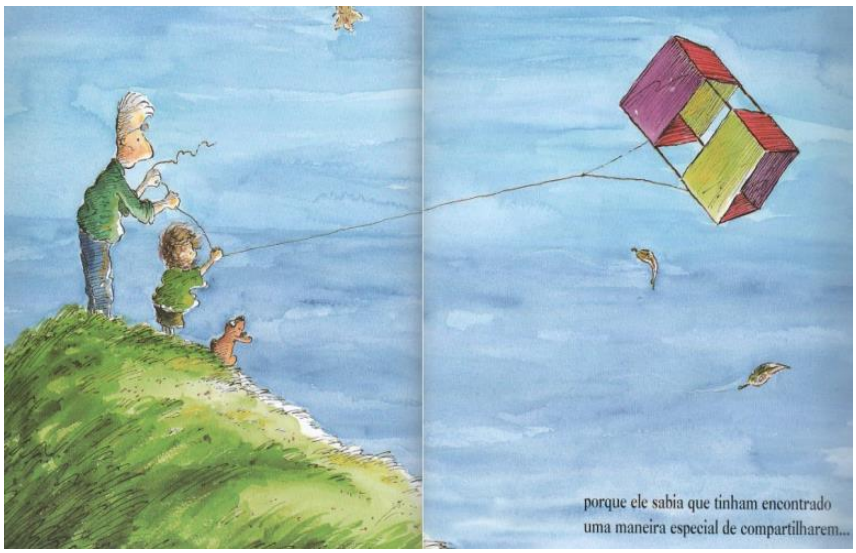

Imagem 9: O homem com seu filho compartilhando afetos através da caixa

Este livro demonstra que o papel da leitura dos livros para crianças pode ser um aliado poderoso na compreensão das representações adultas dos afetos. Através dessa leitura, muitos meninos poderão refletir sobre os papéis que seus pais representam e a forma como lidam com suas emoções, pois, conforme Louro (2000), "as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais e são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade" (p.62).

“É no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc.). Estas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais” (LOURO, 2000 p. 62). Portanto, a escola, detentora do instrumento “livros para a infância”, tem um papel fundamental na construção de uma educação que dê espaço para reflexão, sendo um lugar de debates sobre o que a sociedade coloca como “normal”. Por conta disso, é fundamental que exista uma formação continuada de professoras e professores para que se reflita nessas questões que são tão importantes para uma formação de qualidade dos nossos alunos e alunas. Segundo Gomes (2015), é necessário reforçar:

> (...) a necessidade de uma outra escola, aberta às diferenças e que discuta as violências nela presentes e na sociedade, de modo a criar e favorecer espaços para refletir os componentes relacionais e de poder nas relações de gênero e nas sexualidades e, assim, contribuir para a transformação dessas duras realidades. Uma pedagogia questionadora e democrática que problematize e critique as hierarquias de gênero e sexualidade decorrentes de normas e valores heteronormativos. (p. 183)

O autor ressalta a urgência de reformular a educação, tornando-a mais inclusiva e crítica. Ela enfoca a importância de uma escola que não apenas reconheça, mas também discuta abertamente as questões de violência de gênero e sexualidade, dentro e fora do ambiente escolar. Gomes também sublinha a necessidade de criar espaços para refletir sobre as dinâmicas de poder presentes nas relações de gênero e nas identidades sexuais.

Além disso, destaca a relevância de uma abordagem educacional que seja questionadora e democrática, encorajando o pensamento crítico e a análise das hierarquias de gênero e sexualidade que são reforçadas pelas normas heteronormativas na sociedade. Por heteronormatividade, podemos dizer que é um:

> Conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores de heterossexualidade como a única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual, que faz com que a homossexualidade, a transgeneridade e as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado (CARVALHO et al., 2009, p.20).

Os autores definem que a forma heternormativa de pensar imprime valores e ideias na nossa cultura que legitima as expressões das identidades de gênero como sendo inatas dos meninos e das meninas. O que foge da norma é considerado errado. Através dos livros para a infância como artefatos culturais, a escola se torna capaz de mudar o que se compreende como

“certo e errado”, o que é “normal”, com relação ao gênero e sexualidade. Os livros têm um enorme potencial, capaz de transcender as páginas e se manifestar de maneiras diversas na vida de seus leitores e leitoras. Eles não se limitam a fornecer informações ou contar histórias; eles também têm o potencial de abrir portas para diálogos transformadores com seu público e de estimular a imaginação de formas inovadoras.

Ao explorar as páginas de um livro, os leitores e leitoras são convidados e convidadas a repensar suas próprias identidades de gênero. Segundo Louro (2000):

> Somos sujeitos de muitas identidades. Estas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, parecerem-nos descartáveis e serem, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) tem o carácter fragmentado, instável, histórico e plural, como afirmaram teóricos e teóricas culturais. (LOURO, 2000 p.63).

A autora reflete sobre a forma como as identidades mudam de acordo com a sociedade e seu tempo histórico, o que nos faz questionar as normas preestabelecidas sobre o que significa ser menina ou ser menino. Essas obras podem inspirar novas formas de brincar e de viver experiências. Elas desafiam as convenções e incentivam a exploração de novos horizontes.

Conforme Xavier Filha (2014):

> Os livros podem também provocar outros meios de diálogo com o público leitor e instigar novas formas imaginativas de produção de subjetividades - ser menina e ser menino, brincar de novos jeitos e vivências e produzir práticas de liberdade. Nesse sentido, é possível notar os grandes desafios presentes nas redes de possibilidades de saber-poder-resistir. (p. 167).

Nesse contexto, os livros se tornam uma parte fundamental das redes de possibilidades de saber, poder e resistência, conforme apontam a referida autora. Portanto, os desafios que enfrentamos na busca por saber, poder e resistência estão intrinsecamente ligados à nossa capacidade de aproveitar o potencial transformador dos livros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa considera, portanto, que os livros para a infância são ferramentas poderosas para realizar o processo de desnaturalizar as normas idealizadas de gênero. Esses artefatos culturais (os livros), por meio de suas narrativas textuais e visuais, ensinam ideias sobre o ser menino, menina, homem ou mulher.

Através das páginas dos livros que analisamos nesta pesquisa, uma diversidade de experiências é apresentada, originada em diferentes contextos da vida cotidiana. Esses e outros livros que tratam das temáticas de gênero e masculinidades oferecem conhecimento, ampliam a capacidade de ação e propiciam ao público leitor a resistir às normas de gênero cultuadas pela sociedade. As histórias contidas nas páginas dos livros são mais do que meras palavras; são janelas para novos mundos, oportunidades para questionar e provocar novas formas de ser. Essa diversidade é essencial para que as crianças possam compreender a complexidade do mundo ao seu redor, enriquecendo suas visões de mundo e promovendo uma compreensão mais aberta e inclusiva da sociedade.

Além disso, esta pesquisa colaborou para ressaltar a importância das significações e dos efeitos presentes nos livros infantis. As mensagens transmitidas por esses livros podem ter impactos construtivos em suas identidades. Portanto, a seleção cuidadosa de livros para a infância nas escolas de Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental é de suma importância, pois pode contribuir para a formação de indivíduos mais conscientes, críticos e abertos às complexidades e diversidades do mundo que os cerca.

5 REFERÊNCIAS

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo; RISK, Eduardo Name. Escola e sexualidades: uma visão crítica à normalização. In: MISKOLCI, Richard; LEITE JR., Jorge (Orgs.). **Diferenças na Educação: outros aprendizados**. São Carlos: UDUFSCAR, 2014.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos infantis masculinos**: homens por vir? Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10639. Acesso em: 02 ago. 2023

BELLO, A. T.; FELIPE, J. Delineando masculinidades desde a infância. **Revista Instrumento**: Estudo e Pesquisa em Educação, v. 12, n. 2, p. 175-182, jul./dez. 2010. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/218675/000783657.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 06 ago. 2023.

BRITO, A. P. G; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Revista da Fucamp**, v.20, n.44, p.1-15/2021. Disponível em: https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354/1449. Acesso em: 04 set 2023.

CARVALHO, M. E. P., et al. **Gênero e diversidade sexual**: um glossário. João Pessoa: Ed. Universitária, UFPB, 2009.

FURLANI. Jimena. **O bicho vai pegar! : um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13259. Acesso em: 03 ago. 2023.

KING, Stephen Michael. **O homem que amava caixas**. São Paulo: Brinque-Books, 1997.

SANTOS. Bruna Valasco dos. **Literatura infantojuvenil como fruição nos anos iniciais: uma análise crítica**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174357. Acesso em: 02 ago. 2023.

STEFANELLI, Francisca Alves Da Silva. **As feminilidades nos livros para a infância do acervo das obras complementares do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015. Disponível em: http://ppgecpan.sites.ufms.br/files/2015/11/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Francisca-Formatada-1-3.pdf. Acesso em: 04 ago. 2023.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n.1/2014, p. 153-169. Editora UFPR, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/J8PkZywLKNGWKvfSH9bDvRN/. Acesso em: 04 ago. 2023.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 591-603. Florianópolis, 2011. Disponível em; https://www.scielo.br/j/ref/a/z5kp7sqRvrtmYJ4kgrCc8pt/?format=html. Acesso em: 08 ago. 2023.

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidade e identidade de gênero na infância. **Rev. Diversidade e Educação**, v.3, n.6, p. 14-21, jul./dez. 2015. Disponível em: https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/123456789/11062/14-21%20Sexualidade%20e%20identidade%20de.pdf?sequence=1. Acesso em: 06 ago. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa, PT: Porto, Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PELÚCIO, Larissa. Desfazendo o gênero. In: MISKOLCI, Richard; LEITE JR., Jorge (Orgs.). **Diferenças na Educação: outros aprendizados**. São Carlos: UDUFSCAR, 2014.

ROSA, Sonia. **O menino nito: então homem chora ou não?** Ilustrações: Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 4 ed., 2008.